

Em Conversa com Jaci- A experiência da multiplicidade de Deus e o combate ao medo da multiplicidade de gêneros humanos

“Antes que Abraão existisse, eu sou” (Jo 8.58) [ὕμιν πρὶν ἀβραὰμ γενεσθαι ἐγὼ εἰμι – *Textus Receptus*].

Esta afirmação de Jesus, presente no Evangelho de João, foi feita em meio a uma grande discussão sobre quem É (e era, já que o é desde aquela época) Jesus. A resposta ou auto-afirmação de Jesus aponta imediatamente para o conteúdo da identidade divina como expressa no Antigo Testamento.

O que estava em discussão na época da redação final do Evangelho de João e segue em discussão até hoje, no capítulo 8 de João, é de onde vinha e em que se baseava a autoridade de Jesus para agir como agia, acolhendo irrestritamente as pessoas como elas são.

De fato, no Antigo Testamento (Ex 3.14), este *ego eimi*, ou “eu sou” pode ser lido (em sentido interpretativo / tradutivo, e não exatamente ao pé da letra) no hebraico eh-yeh (אֶהְיֶה) , e assim o foi lido pelos tradutores da Septuaginta, versão em Grego do Antigo Testamento do período Ptolomaico.

Contudo, como tradutor de textos que sou, como teólogo de vertente reformada que também sou e como apreciador dos textos bíblicos que pouco a pouco venho me tornando ao longo do meu percurso profissional e ministerial como teólogo (pois a Teologia é, de fato, um ministério na igreja, como nos dizem os recentes documentos IASCUFO 1, 3 e 4) é necessário pontuar que a interpretação que a Septuaginta faz do Hebraico para o Grego quando da tradução não é a única possível. Ao pé da letra, o texto eh-yeh poderia ser lido como “eu me torno o que sou”.

Mas este texto soaria muito estranho em Português, língua no mesmo tronco linguístico do grego, pelos mesmos motivos que também soa estranho em grego: tempos verbais. A percepção cronológica (isto é, sobre o passar do tempo) do Antigo Israel, expressa na gramática hebraica, é muito distinta da percepção cronológica grega e romana, e estas percepções grega e romana influenciam a nossa gramática portuguesa.

O texto hebraico poderia ser lido por exemplo como “E no passado diz Deuses (elohim) ao Salvo das Águas [Moisés]: *O que Eu venho a ser, é quem Eu Sou* e isto diz aos filhos de Israel: *O que me torno* no passado envia-me a vocês”.

Nossa cultura não apreende, para início de conversa, que o tempo do Hebraico, verbalmente falando, não é exatamente flexionado, ou como o é. É lógico que os hebreus e judeus modernos sabem o que é o passar do tempo, e experimentam passado, presente e futuro. Mas também é claro, como acontece na LIBRAS, língua brasileira de sinais, que os verbos permanecem em alguma espécie de infinitivo, e a flexão dos mesmos é mais uma ideia do que acontece em cada tempo cronológico que uma expressão um pouco mais exata da ação em determinado ponto fixo no tempo.

O Hebraico não tem o pretérito perfeito, mais-que-perfeito, gerúndio, nada. Os tempos são basicamente ideias. Assim, Deus não falou a Moisés. Ele fala, no passado, a Moisés. E de certa maneira, fala também hoje. Ele não dissera a Moisés. Ele não segue falando a Moisés.

Ele não teria falado a Moisés. No passado, ele diz a Moisés, isto é, num tempo que simplesmente não é o momento exato atual, ele diz a Moisés, símbolo (em função de seu próprio nome e da etimologia do mesmo – “Salvo das Águas”) que o que Ele é (isto é, seu nome) é o que Ele se torna, o que Ele vem e virá a ser, o que Ele veio a ser. E não fala a partir de um singular (neste caso o texto traria el, e não elohim, como o falante a Moisés) mas de um plural. A experiência de Deus são as experiências do povo descendente do Sorriso Divino (e isto significa Isaac, filho de Abraão e Pai de Jacó-Israel) ao pé daquela árvore onde o Três aparece a Abraão (o Grande Pai) e anuncia que sua esposa é que dará à luz o filho do qual nascerá o Povo de Deus (Israel). A experiência mais ancestral da origem deste povo nascido para a liberdade pela travessia das águas do Êxodo, simbolizada em Moisés, o Salvo-das-águas, é a experiência da multiplicidade e da variedade, que quando vivida como POVO, como coletivo de pessoas com suas impressões e modos de ser diversificadas se revela (e nunca desvela, mas retira-se um véu para pôr outro) como experiência quotidiana em que descobrimos que o mistério nunca acaba: o que É é o que Vem a Ser, é o que Se Torna.

Pois, como não seria possível colocar uma nota de pé de página de todo esse tamanho na Septuaginta, o tradutor colocou a opção que melhor lhe convinha para o efeito desejado de estabelecer Deus como o único Deus que é por si mesmo, em meio à multiplicidade cultural na qual a Septuaginta se formou. E colocou lá “ego eimi”, como uma espécie de nome próprio ou título divino.

Esta mesma expressão é colocada na boca de Jesus.

Mas Jesus não era um falante materno de Grego. Seus ensinamentos também foram em língua semita, como o hebraico é semítico. Provavelmente, aramaico língua semita como o hebraico, ou talvez um dialeto, uma versão do hebraico corrente na Galileia daquela época (é a opinião de Pagola em seu “Jesus – Aproximação Histórica”).

Quando o texto de João coloca na boca de Jesus “ego eimi”, ele está apontando para Exodo 3.14, e devemos desconfiar, “sem medo de sermos felizes”, que Jesus deve ser dito “Antes que Abraão passe a existir, eu venho a ser o que experienciam”.

De certo modo, portanto, a substancia, a essência, a identidade divina (e de certo modo porque estes conceitos de substancia, essência ou identidade são absolutamente externos à Bíblia, sendo filosóficos) não é um EU SOU, mas um EU ME TORNO, ou ESTOU SENDO, não fixo mas sempre em processo, em transformação, em transmutação.

Num mundo permitido pela compreensão bíblica-hebraica-jesuânica do que é o tempo, do que é a vida e do que é o passar do tempo e o ser das coisas, das pessoas e de Deus na vida, eu me assento hoje com Jaci, nosso Mestre na Fé, que tem sua memória no dia de amanhã (30/06) neste dia de hoje (29/06).

Jaci foi o primeiro Teólogo da Libertação a atentar todos os demais teólogos de que era necessário descolonizar a Teologia de ideias de gênero, pois as percepções de sexualidade, afetividade e gênero ainda estavam sob os mandos e desmandos de noções incapazes de acolher a multiplicidade de expressões (ou *performances*, se quisermos usar uma terminologia de Judith Butler) de gênero presentes na América Latina e no mundo contemporâneo para além da própria América Latina devedoras de ideais colonizadores, isto é, de domínio e subalternidade. Domínio e subalternidade têm a ver com ignorar as diferenças e forçar “igualdades” que não existem. Uma percepção realmente livre,

descolonizada do mundo não tenta o compreender segundo um ideal de igualdade, mas de justiça, equidade, respeito e multiplicidade.

Neste dia Mundial de Combate à LGBTQIA+ fobia, ou seja, MEDO (*phobos* = medo em grego) eu digo a ele, e com ele a este povo que se diz, também, filho do sorriso divino diante da multiplicidade do Três naquele Carvalho de Manre que Jesus é TRANS, porque Deus é TRANS, porque a Vida, que vivemos EM DEUS, e que é DE DEUS não É, mas SE TORNA.

E SE TORNA porque cada um e uma de nós é, individualmente, expressão da experiência nessa e dessa vida divina, a Ruah sempre soprando, impetuosa, sem se saber de onde vem nem pra onde vai, no abismo de nossa solidão individual sem forma e caótica, ávida por descobrir comunitariamente que não há porque temer o diferente de mim, nem a mim mesmo como diferente em relação aos demais.

É essa diferença, esse plural, essa pluralidade, que permite que Deus torne-se sempre conhecidE, e o sabemos de Deus, Eterna Transformação, é que também nos tornamos e podemos transitar e devemos ser acolhedores e acolhedoras com todas as pessoas, justamente porque somos múltiplos.

E sabem? Eu percebo Jaci sorrindo, enquanto escuto neste momento da escrita o Prelúdio em Fá Maior de Bach (tenho a impressão de que o pensamento barroquíssimo de Jair, altamente ornamentado, era bachiano), e depois de uns momentos diz assim: “acho que essa provocação é boa. Essa ideia de um Deus fixo e fixista, amarrando e prendendo todo mundo em caixas, armários e túmulos é realmente muito chata. Publica aí e vamos ver no que dá.”

Nesta marotice de Teólogo jovem (na verdade recém descoberto como “Cringe”, expressão por enquanto intraduzível, ainda em processo de definição, sabem como é, a língua é viva...), público sim.

E quem quiser, que conte outra. De preferência com a gente. Toda diferença, inclusive a divergência, é bem-vinda.

SOBRETUDO: NÃO TENHAMOS MEDO DE NENHUMA VARIAÇÃO DA SEXUALIDADE, EXPRESSÃO DA INTIMIDADE PESSOAL HUMANA ONDE A EXPERIÊNCIA QUOTIDIANA DE DEUS HABITA. UMA IDEIA FIXISTA (SOBRE NADA) NÃO PODE VIR DE DEUS, QUE DIZ DE SI MESMO QUE É O QUE SE TORNA. NEM JESUS SE ENTENDIA DE JEITO FIXO, VAMOS METER TODO MUNDO EM ARMÁRIOS DE FIXISMO DE PAPÉIS DE GÊNERO PRA QUÊ?

Dr Julio Eduardo dos Santos Ribeiro Reis Simões – DARJ

Pós Doutor em Ciência da Religião – UFJF

Doutor em Ciência da Religião – UFJF / DVK (Índia)

Mestre em Teologia – PUC/SP

Bacharel em Teologia – CES/JF

Licenciando em Letras - UniBF